

## **Preâmbulo:**

# **PERTENCER AO PLANETA TERRA**

*«O futuro lançou raízes no presente»  
(da lenda de Excalibur)*

No dia 20 de setembro de 2019, milhões de jovens e crianças de todo o mundo saíram às ruas para bradar palavras de ordem em defesa do planeta Terra.

Naquele momento, estavam se invertendo papéis no comando político entre as gerações: os jovens apregoavam seus direitos e cobravam deveres dos adultos.

Na mesma data, a ONU - Organização das Nações Unidas - propunha uma nova ordem civilizacional de respeito mútuo entre os habitantes da Terra: direitos e deveres de adultos e de jovens misturavam-se na formulação de um Novo Pacto, nele incorporando:

1. O envolvimento de todas as gerações do planeta, presentes e futuras;
2. A aceitação de que existem limites intransponíveis para a exploração dos recursos materiais da terra, do ar e da água;
3. A constatação da impossibilidade de prever com precisão as respostas da natureza às nossas ações, exigindo prudência e estratégias de proteção;
4. A definição de metas de ação baseadas no conhecimento científico-tecnológico a serem aplicadas ao sistema-mundo planetário.

Apesar da ampliação do número de atores decisórios no planejamento do presente e do futuro, ainda cabe às gerações maduras a responsabilidade pela transmissão dos elos sociais constitutivos da cultura, do conhecimento e da técnica armazenados na História. Contudo, as exigências do Novo Pacto implicam uma profunda revolução nas práticas educativas a serem propostas desde a mais tenra idade.

A anunciada precipitação de fatos prognosticados como ameaçadores das formas estabelecidas de convívio e usufruto planetário está a exigir urgência, inteligência, poesia e coragem no enfrentamento da crise anunciada por esta revolução. A inclusão destes atributos nas práticas inovadoras, por sua vez, exige humildade e mente aberta na aceitação de diferentes visões e abordagens frente à busca de satisfação desses requisitos nos processos socializadores.

*O que pode significar aos indivíduos, grupos, sociedades e até humanidades conviventes no sistema-mundo pertencer ao planeta Terra?*

Em uma sociedade inscrita em um sistema de interpretação mito-poética do mundo, a criança se torna adulta através de um processo tranquilo e contínuo onde o brincar, o lúdico infantil, convive com a aprendizagem dos papéis sociais mediante o exercício

espontâneo de imitação dos adultos. A leitura do mundo vai ao encontro da narrativa mito-poética. Para tal, não há necessidade de uma iniciação.

Este encontro é ilustrado pelo mito dos índios Yanomami para explicar a chegada do homem branco, introduzindo-o na sua narrativa mítica sem uma ruptura em sua leitura do mundo. Diz o mito:

*Uma vez, no tempo dos nossos ancestrais, uma jovem ficou menstruada pela primeira vez e foi para a reclusão. Mas, o seu marido quebrou o tabu e entrou no lugar onde ela estava. Então, as águas do mundo subterrâneo cresceram muito e arrazaram a maloca. As arariranhas e jacarés-açu comeram seus moradores. As águas ficaram cobertas por uma espuma ensangüentada que foi recolhida em uma folha pela Abelha Ancestral. A Abelha ensinou a cada pedacinho de espuma a sua fala e, depois, os depositou na praia onde eles se transformaram nos primeiros brancos. Os brancos se multiplicaram e ganharam da Abelha panelas, machados, rádios e fuzís. Os Yanomami, que viviam nos confins da Terra, ficaram só com os rios e a floresta. Antes de ir embora, a Abelha pediu aos brancos que vivessem em paz e ajudassem os índios, porque os índios eram os seus irmãos de origem. Assim falou a Abelha Ancestral...*<sup>1</sup>

Neste universo natural, onde cultura, técnica e ambiente não se dissociam, as crianças vivem e crescem, sentindo que pertencem aos confins da Terra, nadando nos rios e caminhando pela floresta, entre arariranhas, jacarés-açu e abelhas. Elas pertencem ao mundo no qual existem, vivem na maloca, brincam e aprendem ao se tornarem adultos. Existência, sentido e destino do Homem estão inscritos na sua interpretação do mundo, na sua origem e finitude.

A par disso, a cultura científica se originou no mundo mediterrâneo e dele se expandiu contemporaneamente ao planeta Terra, carreando ideias difusas e as transformando em conceitos precisos: os conceitos científicos. Logo, desde a antiguidade clássica, a socialização ao mundo erudito requeria iniciação. Contudo, a ciência conjuga razão e experiência na construção do conhecimento. Assim sendo, a iniciação no campo erudito requer o desenvolvimento dessas capacidades.

O Novo Pacto vem universalizar esta exigência ampliando-a para outras bases culturais, historicizando-a e tornando-a imprescindível. Disto decorre a necessidade de direcionar o olhar distraído das pessoas - crianças e adultos - para uma leitura do mundo, que mesmo quando lúdica, é derivada do exercício de abstrações, tais como as requeridas pela cultura científico-tecnológica. *Uma Nova Ordem.*

*Como, então, passar do pequeno mundo cotidiano para o grande sistema-mundo, inscrito na história e geografia planetária?*

Em todas as épocas e lugares, crianças carecem de tutela para se tornarem adultos em sua própria ordem social. Sua natureza, porém, é sempre a mesma. E a do planeta também.

Mas de onde vem o conhecimento científico; qual é sua gênese remota? Olhar para o alto, olhar o céu, o mesmo céu que desde o despertar da inteligência provoca

---

<sup>1</sup> apud Tassara, M. G. (diretor). *Povo da Lua, Povo do Sangue*. Documentário cinematográfico. São Paulo, Comissão pela Criação do Parque Yanomami, 1984.

curiosidade e temor. Não há quem não tenha provado tais sentimentos ao olhar para o alto. Os cosmos: o cosmo. E, desta forma, transformam-se estrelas e planetas em deuses, em mitos, em instrumentos de medida para interpretar existências.

Contudo o céu de outrora é exatamente o mesmo de hoje, o mesmo que insiste em esconder mistérios dos mentores da cosmologia científica moderna. Galáxias, buracos negros e energia escura são apenas alguns espécimes desse carrossel espacial, incitando novas curiosidades e novos temores, novas buscas de respostas.

Se o macrocosmo é cenário compartilhado por todos, o microcosmo é contingência de cada um. Casa, caminhos, sentimentos e paisagens se interpenetram integrando valores e juízos: bem e mal, bom e ruim, bonito e feio passam a constituir-se em arcabouço de moralidades. Tal amálgama macro-microcósmico contemporâneo expande o paradigma da existência humana para o planeta mundializado do Ocidente.

Mas não há como conversar sobre pertencimento à Terra sem partir da experiência humana sensível e concreta. Para tal, há que se estimular crianças e adultos a conversarem com formigas e abelhas e maravilhar-se diante da beleza das enormes geleiras polares, com a consciência de que a água no estado líquido é escassa e imprescindível para a vida.

Como integrar diferentes interpretações do mundo em um meta-sistema com elas compatível? Como alargar a inclusão cultural sem comprometer a precisão conceitual? Passado, presente e futuro articulando-se como uma metáfora de recuperação sintética do uso, do papel e do lugar dos contos de fada na História. Um paradigma para suscitar reflexões: fábulas, mitos e contos que alimentaram as gerações anteriores para alcançar o que almeja o Novo Pacto. A construção do futuro.

Como imagem deste trânsito, a transposição atemporal da fábula do Mágico de Oz pode oferecer inspiração modelar. Narrada em filme<sup>2</sup>, conta a história de Dorothy, entre realidade e sonho, entre fatos, temores e seu enfrentamento. A história de Dorothy pode ser lida como um conjunto de metáforas-guia para orientar caminhos de aprendizagem e descobertas sobre o próprio pertencimento.

*A menina Dorothy, em sonho, é acidentalmente levada por um ciclone à Terra de Oz, onde vai parar em um belo jardim. Mas ela deseja voltar para casa, seu hábitat, seu lugar de aconchego, na fazenda onde mora com seus familiares e brinca com os seus pertences. Para tal, ela precisa evocar o auxílio dos poderes manipulados pelo Mágico de Oz, que reina na Cidade das Esmeraldas. Com seus truques e artimanhas, o mágico precisaria dizer a Dorothy o que fazer para realizar o seu desejo de retorno ao lar. No jardim, duendes e gnomos, pequenos habitantes da Terra de Oz, orientam Dorothy indicando-lhe um caminho (método?), que começa em uma espiral traçada no chão e se expande conduzindo-a em uma direção desconhecida - o caminho dos ladrilhos amarelos (the yellow brick road). Seu destino é o encontro com o Mágico de Oz, que lhe irá permitir a realização do sonho de alcançar a felicidade, a utopia, o próprio lar. Ao longo do caminho, duas entidades imateriais se manifestam (teorias? ideologias?): uma é a bruxa maligna, que representa o Mal e que procura impedir Dorothy de realizar o seu desejo; outra, representando o Bem, é a fada que vai desfazendo os mafeitos da bruxa. Outros três personagens se juntam à menina*

---

<sup>2</sup> No filme, intitulado *O Mágico de Oz* (*The Wizard of Oz*, direção Victor Fleming, 1939), Judy Garland interpreta a menina Dorothy lançando a antológica canção *Além do Arco-íris* (*Over the Rainbow*).

*durante sua caminhada ao longo dos ladrilhos amarelos, apontando carências a serem superadas: o Espantalho, em busca de um cérebro (pensamento? raciocínio?); o Homem de Lata, em busca de um coração pulsante (amor? solidariedade?) e o Leão Covarde, em busca da coragem (medo? superação?). No final da aventura, cheia de mais outros lances, Dorothy acorda do sonho causado pelo ciclone. Agora ela está em seu locus social, cultural e ambiental. Em seu cantinho da terra, situado em paisagem da Terra, no qual enraiza o seu pertencimento.*

Porém, para alcançar o que almeja o Novo Pacto - a construção do futuro – tem-se que aprender a construir intencionalmente o presente. Eis a verdadeira revolução implícita no êxito de sua realização. Se, em um passado não tão remoto, educar significava socializar apenas as gerações em formação, agora passa a se constituir em um processo dialético aberto, abrangendo a totalidade das gerações, presentes e futuras, dos recém-nascidos aos anciãos. Todos são mestres e aprendizes ao mesmo tempo.

A par disso, a diversidade cultural dos grupos humanos exige que tal construção ocorra em articulação e respeito à pluralidade de visões do mundo, pré-requisito ético da compreensão científica do humano, onde ser, conviver e participar são considerados direitos universais inalienáveis.

A amplitude das condições impostas pelo Novo Pacto, para implementá-lo, reitera-se, exige um complexo de qualidades atitudinais a fim de corresponder às suas exigências. Sabedoria, solidariedade, humildade, inteligência, coragem, para viabilizar a metamorfose requerida - uma educação ambiental eficaz estruturada sobre o pertencimento, a entronização de uma Política Ambiental.

*Fazer da Terra uma morada. Uma ética da natureza.*

Eda Tassara e Marcello Tassara

Universidade de São Paulo  
Instituto de Estudos Avançados  
Grupo de Estudos em Política Ambiental

Outubro de 2019